

Sistematização encerra 54 dias de polêmica e acordo

Brasília — Luiz Antônio

Agláe Lavoratti,
Eliane Cantanhede e
Etevaldo Dias

BRASÍLIA — Radical às vezes, confusa sempre, conciliadora, a Comissão de Sistematização da Assembleia Nacional Constituinte encerrará seus trabalhos na próxima terça-feira depois de 54 dias de atividade. Neste período um grupo de 93 pessoas pressionado por lobbies de todas as forças da sociedade promoveu um acordo, ainda que às vezes precário, sobre os mais polêmicos temas da atualidade — do sexo ao monopólio da distribuição do petróleo, "Nunca foi feito um trabalho como este", diz o deputado Euclides Scalco, da ala progressista do PMDB. O senador Carlos Chiarelli, líder do PFL, completa: "As fronteiras partidárias cedem lugar à construção do bem comum. Isto pode parecer frase de efeito, mas é verdade".

A Sistematização não encerrou o debate na Constituinte, mas afinou a discussão sobre os 336 itens do projeto de Constituição do deputado Bernardo Cabral, para levar ao plenário uma polêmica restrita a uma dezena de temas. A primeira batalha é o abaixo assinado do *Centro*, de 319 constituintes, pedindo alterações no regimento para permitir mais prazo para emendas. "Na Comissão de Sistematização, 93 parlamentares decidiram por 559 constituintes, porque cada alteração em plenário nos custará 280 votos, número que nenhuma das forças obterá. Será o impasse" — prevê o deputado Amaral Neto, do PDS. Mas haverá acordo mais uma vez e o impasse será superado: "Nós encontraremos uma fórmula para continuar com a Constituinte e seus debates, como temos feito até agora", tranqüiliza o senador José Richa.

Grande debate — Neste momento os empresários se mobilizam na União Brasileira dos Empresários (UBE) para pressionar o grande debate de plenário e alterar o que foi decidido pela comissão em questões econômico-sociais como estabilidade no emprego, por exemplo. Hoje a União Democrática Ruralista (UDR) promove em Brasília o maior leilão do mundo para obter recursos para tirar a reforma agrária do projeto de Constituição.

Em contrapartida, do lado dos operários, a

Central Única dos Trabalhadores (CUT) e a Central Geral dos Trabalhadores (CGT), aliados às dezenas de confederações que não têm dinheiro mas têm votos, mobilizam-se para exigir dos constituintes as promessas eleitorais em favor das questões sociais de seu interesse. Os trabalhadores rurais, através da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura, a Igreja e legiões de "sem-terra" ocuparão o Congresso para impedir que a UDR tenha êxito. "Sem dúvida estamos assistindo ao debate mais democrático já realizado ao longo dos 500 anos de história deste país", resume o deputado Fernando Lyra (PMDB-PE).

"Todo este debate sobre pontos tão delicados da sociedade incomoda, assusta, dá impressão de que o país será levado ao caos, mas, passada a fase da paixão dos conflitos, o país verá que foi útil discutir, negociar, ceder e conciliar as divergências. O tempo mostrará que o Brasil vai mudar depois desta Constituinte" — analisa o senador Mário Covas.

Blocos — O deputado Luiz Inácio da Silva, apesar de defender o presidencialismo, explica: "Vivemos um teste para o parlamentarismo, aqui nada vem decidido, tudo é muito discutido, democraticamente discutido". O deputado Roberto Freire, do PCB, opina: "Digam o que quiserem da Sistematização, mas todos vivem chances de defender seus pontos de vista. Até nós, os comunistas, sempre discriminados em todos debates nacionais até hoje".

A reforma agrária foi um dos capítulos mais polêmicos da Constituinte até agora, desde a fase das subcomissões, passando pelas comissões temáticas e entrando na Comissão de Sistematização. Mas na Sistematização funcionaram mais os blocos políticos e ideológicos que partidários. O PMDB tinha o que se chamava de núcleo, imantados em torno do senador Mário Covas, que reunia deputados como Antônio Brito e Euclides Scalco. No PMDB o MUP, também à esquerda do partido, próximo a se transferir para um partido socialista. Também dentro do PMDB e do PFL convivem o pessoal do Centro Democrático que depois se ampliou para *Centro* — incluindo todo universo de descontentes com a Sistematização. O PFL ainda tem os modernos, dissidentes como senadores Bornhausen e Marco Maciel.



No plenário, os grupos e tendências que selaram a sorte de muitos temas transcenderam os limites partidários

Ritmo derruba Lula, o metalúrgico

"Isto é uma tortura. Não agüento mais". O desabafo foi feito pelo deputado Luís Inácio da Silva, Lula, líder e presidente do PT, pouco depois das 15h de quarta-feira passada. Ele pegou o paletó, arrumou a gravata e rumou para a segunda sessão daquele dia na Comissão de Sistematização — onde tem passado sábados, domingos e de oito a doze horas diárias. Metalúrgico em São Paulo durante 18 anos (dos 15 aos 33), Lula cumpria rigorosamente as oito horas de jornada determinadas pela CLT, mas agora, aos 42 anos, candidato potencial à Presidência da República, confessa que está exausto com o ritmo de trabalho.

Para amenizar a monotonia da vida em Brasília, há um mês Lula passou a correr, nadar e jogar pelada no parque público da Água Mineral. Conseguiu perder quatro quilos, ganhar um bronzado e manter a forma para as durezas de constituinte em tempo integral, que começa às 9h. Como ele, também se dizem exaustos os outros 92 membros da Sistematização, seus suplentes e mesmo os que, não sendo uma coisa ou outra, não conseguem se desvincular dos trabalhos constituintes. Além das sessões, há articulações, reuniões, jantares que varam a noite.

Na mesma quarta-feira, por exemplo, os deputados Antônio Brito e Nelson Jobim, ambos do PMDB gaúcho, ficaram até as duas da madrugada analisando o novo título constitucional a ser votado e preparando as listas de emendas preferenciais do partido ao texto. Na manhã do dia seguinte, já às 8h, Jobim e Brito

estavam a postos no Congresso para discutir essas listas com os líderes e representantes dos demais partidos. Para eles, o processo era simples rotina porque as horas de plenário não se acabam ali. Elas começam antes e terminam bem depois das votações.

Família — Foi também movido pelo cansaço, e pela saudade da família, que o líder do PTB, Gastone Righi, fez um apelo dramático no plenário da Sistematização, em meados de outubro. 15 dias depois do início das votações.

— Imploro ao senhor presidente que cancele a sessão de domingo. Precisamos pelo menos visitar nossas famílias — clamou Righi, que não só foi aplaudido pelo plenário como multiplicou sua queixa nas conversas pelo cafezinho, corredores e gabinetes. Alcançou seu objetivo: não houve sessão de domingo.

A deputada Sandra Cavalcanti (PFL-RJ) sente falta da família e da casa no Jardim Botânico. Crítica feroz da arquitetura do Congresso, especialmente do plenário da Câmara, que não tem uma única janela e exige ar condicionado e luzes artificiais funcionando o dia inteiro, ela desferiu: "Aqui é inviável. Faça chuva ou faça sol, os constituintes ficam enclausurados sem qualquer contato com o mundo exterior e isso só pode prejudicar o raciocínio."

Os trabalhos da Sistematização começaram no dia 24 de setembro, primeiro pela manhã e à tarde, depois só à tarde e, há 15 dias, novamente em dois turnos. E foram retomadas as sessões aos domingos, temporariamente canceladas pelo apelo do deputado Gastone Righi.

Começo fez Arinos temer fracasso

Senador pediu ajuda a substitutos e voltou para cumprir sua missão

No primeiro dia dos trabalhos, nem o preâmbulo do projeto da Constituição entrara em votação e já havia questões de ordem, levantadas ora pela esquerda ora pela direita. A obstrução corria solta sem que se soubesse o motivo. O presidente da Comissão de Sistematização, senador Afonso Arinos, teve de intervir: "Não entendo essa capacidade que os senhores têm de desperdiçar tanta veemência, tanta energia em coisas de tão pouca importância."

Acalmados os ânimos, todos perceberam que a vontade do plenário não era discutir, mas votar. Só então o processo começou, mas para Arinos a experiência não foi agradável. "Estou impressionado e perplexo. Desta forma não conseguiremos votar". Logo no primeiro dia, ele se convenceu de que não conseguiria presidir todas as sessões.

Substitutos — O primeiro vice-presidente da Sistematização, deputado Aluísio Campos, foi um desastre quando assumiu o lugar de Arinos. Ignorou o regimento, permitindo que a jornada de 44 horas semanais fosse votada antes da proposta de 40 horas. O plenário aplaudiu, quando ele anunciou que viajaria e só voltaria no sábado.

Restava somente o segundo vice, deputado Brandão Monteiro, para conduzir os trabalhos. Foram então indicados dois novos presidentes para a Sistematização: senador Fernando Henrique Cardoso e senador Jarbas Passarinho. A indicação de Passarinho surpreendeu por ter vindo de um deputado da esquerda, José Genoíno. "Temos posições diferentes, mas o senador é o mais competente e mais sério constituinte para comandar os trabalhos", justificou.

Genoíno não se arrependeu. Passarinho

foi objetivo na condução dos trabalhos, auxiliado por uma larga experiência no assunto.

— Presidente, eu estava ali, ao lado do plenário, fazendo um lanche — alegou o deputado Gastone Righi, quando uma emenda sua foi considerada porque ele não se encontrava na comissão.

— Lamento que V. Excia. estivesse ocupado com um lanche. Não posso abrir esse precedente. A matéria está vencida. Se V. Excia. quiser recorrer, faça isso ao presidente da Constituinte — respondeu Passarinho, prosseguindo sem piedade da votação.

Fernando Henrique marcou sua passagem pela presidência da Sistematização pelo bom humor, mas também foi impiedoso e justamente com Righi.

— Muitos constituintes querem cumprir seus deveres religiosos e irem à missa. Será possível cancelar a sessão de domingo? — perguntou Righi.

— Nobre deputado, esclareço a V. Excia. que existem missas também à tarde — lembrou Fernando Henrique.

Arinos cala Lula — O presidente efetivo Afonso Arinos, depois de resistir algum tempo às sessões tumultuadas, acabou se afastando por mais de 15 dias dos trabalhos. Foi logo após a votação da jornada de 44 horas, quando a decisão do primeiro vice Aluísio Campos, apesar de regimentalmente incorreta, foi mantida por Arinos. Lula protestou aos gritos:

— Estão rompendo com um compromisso assumido frente a todas as lideranças, inclusive com a sua presença, de que todas as emendas de jornada de trabalho seriam colocadas em votação. A partir de agora, não acredito mais em acordos.

— A recíproca é verdadeira. Eu também não aceito mais acordo com o sr. Estando adiante que a sua indignação não vai mudar a ordem natural das coisas, não tem a menor influência na rotação da Terra, nem da ordem das galáxias, muito menos repercussão no resto do país — respondeu Arinos, que só reassumiu a presidência da Sistematização quando o sistema de governo entrou em votação. (A.L./E.C.)

Arquivo — 9/11/87



Arinos, na confusão do plenário: "Não conseguiremos votar"

Combustíveis, a maior surpresa

"No início da sistematização, ninguém jamais poderia supor que desse parlamentarismo. Nem passava pela cabeça", diz José Lourenço, que atribui a "virada" ao "desgaste natural do governo neste momento de decisões". Assim, a emenda presidencialista do deputado Vivaldo Barbosa (PDT-RJ) foi derrotada e isso, na prática, significa a vitória do parlamentarismo.

Mas a grande surpresa na Comissão de Sistematização foi mesmo a aprovação, por 51 a 37 votos, de uma emenda determinando o monopólio da distribuição de combustíveis para empresas nacionais — ou seja, contra a Shell, Esso, Atlantic e Texaco, as grandes multinacionais do setor. "Eu não acreditava naquilo. Passaram 20 votos, passaram 30. Só aí eu vi que ia ser mesmo aprovado", testemunha Roberto Freire, E José Lourenço acrescenta: "Até agora, ninguém sabe como foi aquilo". Tanto não sabe que o líder do PMDB, Fernando Henrique Cardoso, votou a favor mas no dia seguinte avisou aos correligionários que reveria seu voto no plenário da Constituinte.

Se no plenário da Sistematização, com 93 membros, houve tantas articulações e até surpresas, no da própria Constituinte, com 559 membros, os conchavos serão multiplicados. Mas na fase final do processo constituinte a descoberta das afinidades deverá ter outro sentido, uma busca de novos caminhos partidários. (A.L./E.C.)